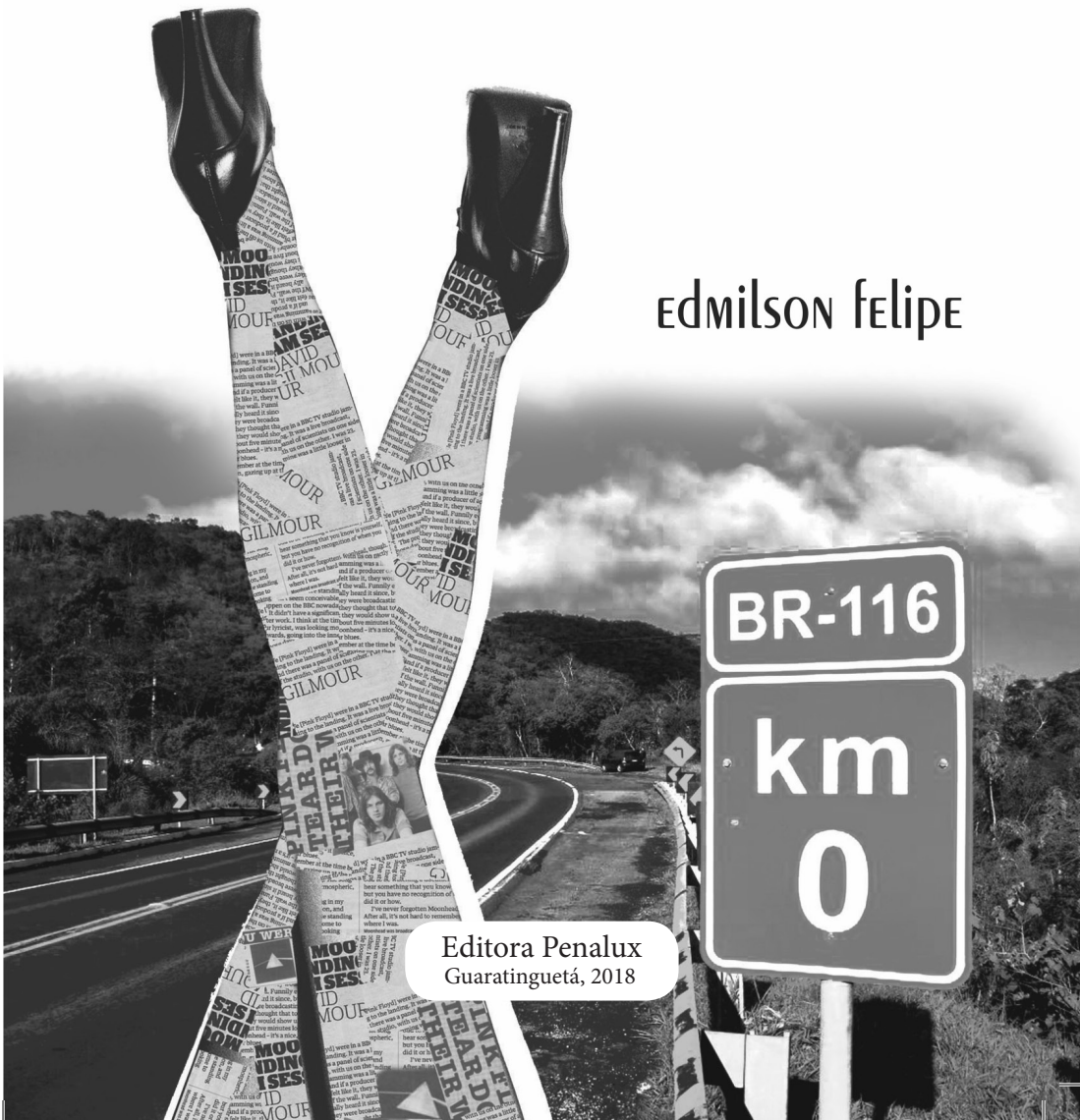




O CIO DA SALAMANDRA NÃO SEDUZ CAMALEÕES

edmilson felipe



Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 - Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Edilaine Correia

PROJETO DE CAPA
Rebecca Navarro

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F315C FELIPE, EDMILSON. -
O CIO DA SALAMANDRA NÃO SEDUZ CAMALEÕES /
EDMILSON FELIPE. - GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2018.

120 P.: 21 CM.

ISBN 978-85-5833-389-4

1. ROMANCE I. TÍTULO

CDD.: B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

1. A desgrama

Merda! Leite, maizena e farelos de biscoito. Única opção de rango na despensa. Resquícios de uma guerra, sem muitas baixas, entre mim e as baratas. Talvez. Mãos à obra — fogão/panela/fósforo. Acrescento: maus presságios, dores no peito, lombo, falta de grana, buça e aquela baba de time caindo pra segundona.

Merda!!!

Não fosse tão bundão, dava um tchibum naquela D-20. *Trassshhh!!!* Só pra *fudê*, tirar o sossego de meio mundo. Cena incrível, vê só: barangas alucinadas correndo atrás dos *poodles*; samangos revoltados — “um presuntão de mais ou menos 100 quilos se jogou dali e *zuô* a pick-up...” — diriam. Equipe do SAMU sonada chegando, cinegrafistas, bombeiros, uma penca de curiosos fazendo *selfie* e, por fim, o dono do carrão — um *hipster* tardio que, por 72 meses, sublima a muxiba que carrega no meio das pernas e sai por aí todo-todo, dono da razão.

Trassshhh!!! Um corpo que cai... Frio, brilhando na lataria da D-20... Tudo isso e mais a chuva rala com a incumbência de lavar o sangue morno deslizando pelo asfalto. Tragédia, ou a aurora cinzenta anunciando mais uma gélida segunda-feira de agosto? CORTA.

Nenhuma canção na mente. Devagar, faço voltas com o colherão de pau. O caldo engrossa. Pronto. Apago o fogo e engulo o



domingau (trocadilho infame!). Logo, o calor transborda dos poros e sobe, derrapa coluna abaixo, deságua no rego e ensopa o cofrinho. A corrente sanguínea, cada vez mais quente e veloz, lateja nas têmperas. Sem pestanejar, abro a geladeira. Uma garrafa de vodca pela metade me espreita. Viro. Em seguida, fico sentado olhando o vazio. A mescla entre álcool e mingau não cai bem. Imagino, em poucos segundos, um fígado boiando numa massa branca e pastosa. Pá-pum, golfada a galope. Com as pernas bambas, me arrasto até o banheiro. Taquicardia. Encaro, diante do espelho, um neandertal a caminho do fim. Tiro a roupa e mergulho na água fria... ah... Lavo a alma com sabão de coco e pulo na cama. Fugir, dormir, sonhar em ser qualquer coisa: vaga-lume, lesma, serpente — estrela cadente. Não! Rimas não! Odeio rimas, poetas... Odeio tudo que circula pelos arredores paulistanos, odeio o meu ódio, odeio nomes, odeio José Roberto Torres — puta que o pariu, esse sou eu! Zero, zero. Bem que eu queria saber o paradeiro do “fiadaputa” que me conferiu a refinada alcunha. Zero! Isso lá é jeito de ser chamado por alguém? Na verdade é assim que me sinto: nulo, imperceptível mesmo, sem valor, desprezível, estranho, ignóbil, deprê... zero à esquerda — ZERO, zero..., zzzz...



2. Velma

E assim, como num prelúdio, ela veio. Sorrateira, fincou os primeiros passos, driblando a vigília, tocando o telhado e o chão da cidade. Ancorada ao vento, a garoa não vinha sozinha.

Três da matina. A unha do dedão do pé esquerdo roça a coberta. Em pé, Zero acende a luz, pega o cortador e começa a poda. Essa tarefa era dela.

Velma, a podóloga mais disputada da clínica do Japa. Vinte anos, corpo franzino e, no canto dos olhos, a esperança de toda menina — sonhos, transições como se um novo ciclo de possibilidades anunciasse a marcha não tão linear da própria existência. Os braquetes coloridos do sorriso dela desabrochavam a cada cliente.

Porém, Koo Missu, o meticuloso e insensível dono do estabelecimento não dava a mínima às necessidades alheias e, quase sempre, proibia os encantos da moça. Além disso, desconversava quando ela e as outras reivindicavam melhores remunerações. O Japa vivia com o livro “A Arte da Guerra” embaixo do sovaco e jamais sorria. Às vezes colava no boteco do Zoio, engolia uns conhaques, praguejava alguns comentários a respeito do futebol — para o que ninguém dava ouvidos — e sumia no breu.

Resultado: Velma passou a atender a clientela em domicílio e deu um *upgrade* na carreira. Zero incentivou, deu



corda. Foi um dos primeiros a recebê-la. Ambiciosa, ela dizia ser “aquilo” apenas um trampo para pagar o curso de moda. Aos poucos ficaram íntimos. A frequência dos encontros foi aumentando. Às vezes ela ligava e dava uma passadinha rápida para um café. Depois cumpria as tarefas.

Ela agora era *fashion* e dona do próprio negócio. A grana aumentando, a vestimenta ganhando destaque: calças justas, vestidos floridos, saínhas. Nada daquele jaleco branco que o camicase ortopédico exigia que ela usasse. Sem contar as *bags*, os acessórios e os três celulares que não paravam de tocar. “Negócios, meu rei”, ela dizia.

Zero percebeu, é claro, que a corpulência de Velma também ganhava destaque, pois além do corre-corre com a clientela, a beldade ainda arrumava tempo de malhar, turbinar os glúteos e concretizar um sonho: ser rainha de bateria da Acadêmicos de Mucugê, única escola de samba da sua cidade natal. Tal sonho significava a vitória e também um tapa na cara daqueles que a condenaram e a rotularam de biscate quando, resoluta, arrumou as trouxas e veio pra Sampa ganhar a vida deixando para trás uma montanha de projetos e o noivo, o Basílio.

Zero foi se deixando levar. Seduzido pela beleza da pasista mucugeense, passou a investigar suas fotos no *feicibuqui*. Até que um dia, numa dessas visitas da mulatosa, distraidamente, ou não, roçou um dos mamilos na planta dos seus pés. Fez isso e, naturalmente, não se deu conta da ereção involuntária que brotou da sua bermuda-alcatraz. “Cabra safado...”, ela disse, quando constatou a protuberância.



Assustado, o maluco pulou do sofá e ficou de guarda achando que ela fosse rodar a baiana e pôr o barraco abaixo. Nada. Louca, ela pulou em cima e os dois se estatelaram no chão. Com pressa, trataram de arrancar as roupas e aí sim, Zero pôde conferir mais de perto o produto.

Entretanto, antes de se devorarem, passaram a se tocar cautelosamente, como se uma força externa os conduzisse a uma espécie de observação que no fundo requeria tempo e muita dedicação. O segredo era descobrir lentamente o oásis que se escondia naquele universo corpóreo. As mãos de Zero tocavam os seios pequenos e rijos, ancas morenas, suadas e curvilíneas.

Os cabelos soltos, os olhos fechados, os lábios entreabertos. Zero esperou, ajoelhou calmamente diante do monumento, e num gesto brusco, alojou as mãos embaixo de sua bunda; e como um troféu, ergueu-a. Em seguida, tateou as coxas com a língua e mergulhou o rosto na fenda. Ela, com as mãos na parede e na ponta dos pés, se contorcia; arfando, soltando gemidos espasmódicos acompanhados de risos histéricos.

Exausto daquela posição, Zero deitou no tapete. Rapidamente, girou o corpo da moça para o lado oposto e iniciaram um 69. A mulata sabia das coisas, a julgar pelo passeio bucal. Em segundos, inseriu com maestria a camisinha e deslizou sorrateira em cima do pau em chamas. Cavalgando com o suingue ritmado de uma verdadeira passista, chegaram aos dissonantes urros que, lambuzados de suor e gozo, romperam as paredes da sala e chegaram aos estertores das ruas.



A partir daí as visitas aumentaram com direito a estada completa, champanhe, bolinhos de chuva e um *beckezinho*, porque ninguém é de ferro. Certa vez, logo após um deleitoso coito, Velma fixou seus olhos nos dele e confessou baixinho: “Filho da puta, eu te amo”. A declaração saída daquela boca foi o único indício de sinceridade que Zero ouvira nas últimas décadas. E daí? Na manhã seguinte, a pobre passista fora encontrada morta num beco da rua Monte Alegre. A jugular picotada por um alicate e os pelos pubianos pintados de esmalte azul cintilante, conforme relato do jornal matutino.

— Ai!!! Lá se vai mais um bife — Zero reclama.



3. Cris

Meio-dia. A barriga ronca. Colo no boteco e peço um viradão à paulista. “Boa!” diz o garçom. O prato chega. Aciono o *roto-rooter* instalado no esôfago e passo a triturar a pururuca. Não pense que é fácil. Goles na cerva ajudam a empurrar pra dentro o caracol peludo. Mastigo do lado direito tentando preservar a jaquetona que doutora Cristina colocou em mim no semestre passado a troco de bananas. Bananas vírgula, pois na ausência de grana fiquei de arrumar o jardim da “casinha” dela.

Cheguei pela manhã, trabalhei, fui embora depois do pôr do sol. Enquanto cortava o mato, uma empregada lavava o quintal. A mulher, deixe-me dizer, tinha uma buzanfa concupiscente, tala larga mesmo. Polpuda. Com o rabo do olho pude calcular que aquelas arrobas não passavam pela porta dianteira próxima ao jardim. Fiquei na minha, espiando.

— Como você chama? — ela perguntou.

— Zero.

— Kkk, isso lá é nome?

— José.

— Sou Joanita, mas todos me chamam de Juju.

Fisquei o riso no semblante dela e também um olhar de confiança. Sorri, “muito prazer, TanaJuJura”, pensei. Permaneci calado.





www.editorapenalux.com.br



dimi2005@uol.com.br



[/edmilson.felipe](https://www.facebook.com/edmilson.felipe)